

## SABERES E PRÁTICAS NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE TEIXEIRA DE FREITAS

**Elizete Costa dos Santos Oliveira**

CEUNES – Centro Universitário Norte do Espírito Santo

**Agda Felipe Silva Gonçalves**

CEUNES – Centro Universitário Norte do Espírito Santo

### RESUMO

Este estudo é fruto da dissertação de mestrado, cujo enfoque está voltado aos saberes e práticas no processo de inclusão escolar no município de Teixeira de Freitas - Bahia, práticas que impulsionam a inclusão. Trata-se de um recorte que apresenta relatos de experiências e o reconhecimento do professor como principal mediador da aprendizagem. Objetiva analisar como acontece o processo de escolarização e identificar os desafios e as possibilidades para a inclusão dos alunos com deficiência nas escolas comuns. As principais queixas dos professores são principalmente em relação ao despreparo que dizem ter para atuar em turmas com alunos com deficiência. Entretanto, mesmo dizendo não ter conhecimento sobre inclusão, colaboram efetivamente para que os alunos sejam incluídos na escola comum. O estudo tem fundamentação na matriz teórica da perspectiva histórico cultural de Vigotski, defensor de que a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais. A pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo etnográfica cujo tratamento dos dados se direciona para os relatos das práticas apresentados pelas professoras. Esses dados foram trabalhados por meio de uma descrição analítica. O quadro de sujeitos participantes da pesquisa se constituiu de 09 (nove) professoras que lecionam para alunos com deficiência em 06 (seis) escolas da rede pública municipal de Teixeira de Freitas - Bahia. Os resultados mostram que o processo de inclusão foi impulsionado por meio da prática e mediação desenvolvida pelas professoras no contexto escolar. Os resultados indicam também que a inclusão dos alunos com deficiência deve ter a participação de todos os envolvidos no sistema de ensino do município pesquisado.

**Palavras-chave:** Práticas Inclusivas. Perspectiva Histórico Cultural. Mediação e Aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

Direcionar o olhar para a inclusão dos alunos com deficiência é um assunto desafiador e de grande importância que implica no reconhecimento da existência da diversidade na escola. A inclusão no âmbito escolar não se faz

apenas com a matrícula da pessoa com deficiência na escola de ensino comum, mas, na garantia da participação desse aluno, envolvendo-o nas atividades propostas, utilizando-se de todas as possibilidades para que possa aprender.

A possibilidade que o aluno tem para aprender em turmas heterogêneas é ainda maior. Para compreendermos melhor a importância da relação com o outro no processo de aprendizagem dos alunos com deficiência, optamos por refletir na perspectiva histórico cultural, fundamentada na teoria de Lev Semionovitch Vygotsky. Nessa abordagem é indicado que a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais. Assim, o desenvolvimento humano é impulsionado pelas relações sociais, pela mediação do outro e pelos signos da cultura.

Na perspectiva histórico cultural o professor tem papel fundamental no processo educacional, sendo o principal mediador da aprendizagem. Dessa relação é possível desenvolver e aprender sempre, independente da condição em que se encontra uma pessoa. A mediação do professor é de extrema importância, pois pode favorecer a aprendizagem dos alunos com deficiência, contribuindo com o processo de inclusão escolar. A mediação é entendida por Oliveira (1993) como o processo que caracteriza a relação do homem com o mundo.

Dentro dessa ótica reconhecemos a importância do professor como mediador da aprendizagem, o que nos leva a refletir na prática docente, considerando que ele pode contribuir ou não para a aprendizagem dos alunos. O professor é único em sua prática e essa concepção é afirmada por Jesus (2006, p.97):

Nesse sentido, ganham especial relevância os discursos e as ações dos professores, porque, em última instância, são eles que, no meio de seus medos, dúvidas, ansiedades, disponibilidades, acolhimentos e possibilidades, assumem os alunos em suas salas de aula. São as práticas pedagógicas aí desenvolvidas que podem contribuir ou não para a aquisição do conhecimento por todos os alunos.

Em visitas em algumas escolas públicas municipais escutávamos os professores que nos relatavam não saber como trabalhar com os alunos com deficiência e solicitavam da Secretaria de Educação cursos de formação.

Demonstravam muitas angústias em relação a falta de conhecimento sobre educação inclusiva. Nesse percurso, chamou-nos a atenção o fato de que, apesar de tantas lamúrias, alguns professores faziam a diferença em suas turmas.

Mesmo dizendo não ter conhecimento sobre inclusão, colaboravam efetivamente para que os alunos fossem incluídos na escola comum. Por isso, reunimos relatos sobre as experiências vividas pelos professores no espaço escolar e suas práticas pedagógicas, com o intuito de entender como ocorre o processo de inclusão pela via da prática docente. Nosso interesse é lançar novos olhares e sentidos para os Saberes e Práticas no Processo de Inclusão Escolar no Município de Teixeira de Freitas – Bahia.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A abordagem histórico cultural tem grande influência na defesa da inclusão escolar dos alunos com deficiência nas escolas de ensino comum. De acordo com Vigotski (1993), o aluno com deficiência pode atingir êxito no processo de aquisição de conhecimento assim como qualquer pessoa que não tenha deficiência.

Alguns estudos e pesquisas, pautados pela perspectiva histórico cultural, têm apontado a necessidade de rever nossas práticas em relação ao aluno com deficiência em busca da efetiva educação inclusiva. São estudos que tratam da inclusão com ênfase na prática docente na perspectiva histórico cultural. Fundamentado na teoria de Lev S. Vigotski, citaremos também outros pesquisadores em educação inclusiva. Autores que acreditam que o aluno com deficiência pode atingir êxito no processo de aquisição de conhecimento assim como qualquer pessoa que não tenha deficiência.

Assim conviver com a diferença torna-se uma experiência positiva, porque nos possibilita o aprendizado através da relação com o outro, como nos indica Gonçalves (2008b, p. 20): “Dentro desse contexto, entendemos que viver é um aprendizado constante, um aprendizado mediatizado pelo outro, pela cultura construída histórica e socialmente na qual estamos inseridos”.

Nesse pensamento, Gonçalves (2008b, p. 15), aponta que o entendimento acerca do processo de mediação ajuda a refletir sobre nossas práticas:

O entendimento acerca da mediação e do valor atribuído ao social, propagados na teoria histórico-cultural, ajuda-nos e impulsiona a rever nossa prática pedagógica em relação àqueles indivíduos que, por apresentarem uma deficiência, não fazem parte do 'grupo dos bons alunos', e aos quais foi imposta, ao longo da história da humanidade, uma sujeição dilaceradora, preconceituosa e determinista.

Gonçalves (2008a) afirma que nossa perspectiva teórica se materializa em nossas práticas pedagógicas e nossas práticas pedagógicas podem interditar ou abrir portas para nossos alunos. Por isso, compreender a inclusão escolar e o valor atribuído ao social, apresentados na teoria histórico cultural, ajuda-nos a repensar nossa prática pedagógica em relação aos alunos com deficiência.

Se a aprendizagem e o desenvolvimento humano estão ligados às interações sociais, à mediação simbólica, à semiótica, então significa que a atividade pedagógica tem um papel fundamental para os alunos que apresentam deficiência [...] O desenvolvimento passa a ser entendido dentro de uma visão prospectiva, permeado por relações sociais, imbricada aí a importância do professor ser formado para a mediação e a transformação nessas relações (GONÇALVES, 2008a, p. 74).

O estudo de Caetano (2009) indica a inclusão como o melhor caminho e reforça a crença de que todos podem aprender, e para isso, o professor precisa encontrar novas/outras possibilidades para ensinar. É imprescindível um olhar prospectivo, acreditar naquilo que o aluno é capaz.

[...] é necessário reorganizar o trabalho pedagógico para todos os alunos, pensar currículos, disciplinas, redesenhar novos olhares instituindo novas outras práticas que motivem e provoquem uma ação que desestabilize o que não produz efeito e continua a legitimar a exclusão, não somente dos alunos, em que pesa sobre eles o rótulo da deficiência, mas também daqueles que são vistos pela escola como social e culturalmente despadronizados (CAETANO, 2009, p.127).

No mesmo sentido a pesquisa de Jesus (2006) nos propõe uma reflexão da prática docente e reconhece a importância do professor como principal mediador da aprendizagem, ressalta que é através da prática docente que o professor pode contribuir para a aprendizagem dos alunos.

As reflexões contidas na pesquisa de Mello (2001) também sinalizam nessa perspectiva indicando que os professores são mediadores essenciais da

aprendizagem. A autora enfatiza a importância da mediação de outras pessoas na vida da criança, e na escola essa mediação acontece pela prática do professor. “O professor é, assim, um intelectual que intencionalmente apresenta às novas gerações a cultura social produzida e historicamente acumulada” (MELLO, 2001, p.367). Portanto, através das experiências e vivências o professor produz o processo de humanização nas novas gerações.

Com a mesma ênfase os resultados da pesquisa de Bayer (2013) nos aproxima do pensamento vigotskiano de que o desenvolvimento humano depende do processo de mediação, realizado fundamentalmente pelo professor. “O educador deve intervir junto ao desenvolvimento de seu aluno através de uma adequada mediação, que propicie condições culturais mais importantes para a criança, [...]” (BAYER, 2013, p.109).

Outro estudo dentro dessa mesma ótica é o de (CARNEIRO, 2006, p. 151): “A abordagem histórico-cultural aponta a heterogeneidade como característica de qualquer grupo humano e fator imprescindível para as interações em sala de aula”. Assim, é possível compreender que todas as crianças podem aprender nas interações sociais e que a presença de alunos com diferentes possibilidades requer do professor uma reflexão sobre uma aprendizagem coletiva e diferenciada. A respeito da inclusão de todos os alunos na escola de ensino comum, Carneiro (2006, p. 151) defende:

A diversidade de experiências, trajetórias pessoais, contextos familiares, valores e níveis de conhecimento de cada membro do grupo viabilizam no cotidiano escolar a possibilidade de trocas, confrontos, ajuda mútua e conseqüentemente ampliação das capacidades individuais e coletivas.

Também destacamos os resultados da pesquisa de Padilha (2007) que também utiliza a proposta da perspectiva histórico cultural ao realizar pesquisa com uma jovem com deficiência intelectual, o caso Bianca, acreditando na possibilidade de um novo olhar às limitações impostas pela deficiência. Com base na teoria vigotskiana, a autora enfatiza que o processo de interação com outras pessoas dá origem às funções psíquicas. “O movimento de produzir significado supõe a ação do outro, acontece com o outro [...]” (PADILHA, 2007, p. 49). Assim, as conseqüências da deficiência podem ser minimizadas quando

existe relação com o outro. Isso significa dizer que: para ocorrer a aprendizagem faz-se necessário o convívio social e a mediação.

As pesquisas com base na perspectiva histórico cultural têm grande influência no estudo sobre a inclusão de alunos com deficiência. É importante considerar que Lev Semenovich Vigotski, teorizador da perspectiva histórico cultural ocupou diversos cargos, entre os quais o de professor e pesquisador. Criou laboratório de Psicologia, participou da criação do Instituto das Deficiências, no qual estudava questões relacionadas às deficiências. Por essa razão seus estudos até hoje são bastante utilizados para entender e refletir sobre as questões relacionadas à inclusão.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo geral:**

- Analisar como as práticas e saberes docentes auxiliam no processo de escolarização do aluno com deficiência, por meio de relatos de professores.

### **Objetivos específicos:**

- Analisar relatos das práticas docentes de professores que recebem alunos com deficiência;
- Identificar a mediação do professor no processo de escolarização do aluno com deficiência por meio dos relatos dos docentes;
- Apresentar relatos de práticas pedagógicas inclusivas para estimular o trabalho pedagógico com alunos com deficiência.

## **METODOLOGIA**

O foco principal deste estudo investigativo foi analisar como ocorre o processo de escolarização, identificando os desafios e as possibilidades para a inclusão dos alunos com deficiência nas escolas de ensino comum pela via da prática

docente. A análise ocorreu por meio dos relatos dos professores que se dispuseram participar da pesquisa.

Dentro desse foco investigativo a abordagem da pesquisa direciona-se com um olhar qualitativo para o campo de pesquisa. A abordagem qualitativa busca debruçar-se sobre a realidade do campo investigado, preocupando-se com o processo de vivência dos sujeitos envolvidos na pesquisa. A pesquisa qualitativa é importante porque proporciona uma relação entre teoria e prática, além de fornecer instrumentos para a interpretação de questões educacionais, (OLIVEIRA, acesso em 01 maio 2015).

A abordagem qualitativa oferece diferentes possibilidades de se realizar pesquisa, dentre as quais optamos pela etnografia. A etnografia pode ser definida como ciência. A esse respeito Angrosino (2009, p. 30) indica que “A etnografia é a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seu comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças”. No dizer de Gil (2010, p. 40), a pesquisa etnográfica é utilizada por pesquisadores contemporâneos e tem se tornando mais comum em pequenos grupos:

As pesquisas etnográficas contemporâneas não se voltam para o estudo da cultura como um todo nem são desenvolvidas necessariamente por pesquisadores estranhos à comunidade em que o estudo é realizado. Embora algumas pesquisas possam ser caracterizadas com estudo de comunidade, a maioria se realiza no âmbito de unidades menores, como: empresas, escolas, hospitais, clubes e parques.

Assim, para o aprofundamento das questões educacionais este estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica. “Os etnógrafos se ocupam basicamente das vidas cotidianas rotineiras das pessoas que eles estudam” (ANGROSINO, 2009, p.31). Em nosso caso, dentro desta pesquisa, ocupa-nos a reflexão voltada para a prática docente instituída no processo de escolarização do aluno com deficiência.

A escolha pela pesquisa etnográfica deve-se ao fato de a pesquisadora ter contato direto com o grupo de professores investigados. “A pesquisa etnográfica é conduzida frequentemente por estudiosos que são ao mesmo tempo participantes subjetivos na comunidade em estudo e observadores objetivos daquela fonte” (ANGROSINO, 2009, p. 34).

O quadro de sujeitos da pesquisa se configurou de 09 (nove) professoras que lecionam para alunos com deficiência em sala de aula de ensino comum em 06 escolas da rede pública municipal de Teixeira de Freitas - Bahia. No tratamento e análise dos dados lançamos mão da Análise de Conteúdo como instrumento para interpretação de dados. Os relatos foram enviados por email pelas professoras participantes da pesquisa e tais dados foram tratados por meio de uma descrição analítica.

### **SABERES E PRÁTICAS NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE TEIXEIRA DE FREITAS**

A defesa de que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada é uma das concepções vigotskianas mais importantes para reflexão sobre a prática docente. O conceito de mediação é utilizado por (OLIVEIRA, 1993, p. 26) indicando que “Mediação em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação, a relação deixa de ser direta e passa a ser mediada [...]”.

Os relatos são referentes às práticas das professoras que se dispuseram participar da pesquisa, através do grupo focal. Foram 09 professoras da rede pública municipal de Teixeira de Freitas, da Educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Iniciais que socializaram experiências vivenciadas em sala de aula comum com alunos que apresentam deficiência.

Assim as professoras **Natália, Karine, Carla, Maria das Graças, Regiane, Marisa, Ellen, Lorena e Maria Clara** constituíram nosso quadro de participantes da pesquisa. As professoras aceitaram o convite para participarem da pesquisa e enviaram os relatos de suas práticas por e-mail e posteriormente realizamos análise do material. Os nomes das professoras, dos alunos e das escolas são fictícios para manter o anonimato dos participantes. A seguir destacamos o quadro de sujeitos de nossa pesquisa:

<b>ESCOLA</b>	<b>PROFESSORA</b>	<b>ALUNO (A)</b>	<b>NECESSIDADE APRESENTADA/DEFICIÊNCIA</b>
Topázio Azul	Natália	Aylton – Infantil 5	Síndrome do Espectro Autista – Autismo
Topázio Azul	Karine	Alisson – Infantil 5	Baixa visão
		Eduardo – Infantil 5	Síndrome do Espectro Autista – Autismo
Lápis Lazúli	Carla	Érica – 1º Ano	Fobia Social
		Tarcísio – Infantil 4	Síndrome do Espectro Autista – Autismo
Ametista Lilás	Maria das Graças	Rafael – 2º Ano	Síndrome de Petrus, autismo e cegueira
Esmeralda Verde	Regiane	Miquéias – Inf. 4	Cegueira
Diamante Cristalino	Marisa	Emanuel - 1º Ano	Transtorno do Espectro Autista – Autismo
		Rogério – 1º Ano	Transtorno do Espectro Autista – Autismo
Diamante Cristalino	Ellen	Marta – 2º Ano	Síndrome de Down
Diamante Cristalino	Lorena	Yasmin - 3º Ano	TDA/Monofobia (medo de ficar sozinha)
Turmalina Amarela	Maria Clara	Marcos – Inf. 4	Deficiência Intelectual

## **Quadro 1 - Sujeitos da pesquisa**

Serão apresentados trechos dos 09 relatos enviados pelas professoras participantes da pesquisa.

*“Na parte da aprendizagem que tanto me angustiava, reconheço que gostaria de fazer mais, principalmente quando olho as pastas de atividades vazias, me dá um sentimento de incapacidade, mas, cheguei à conclusão que eu consegui muito mais que aprendizagem de pastas” (Relato 1 – Professora Carla).*

*“Quanto à deficiência? Às vezes até esqueço que ele possui. Reconheço sua singularidade, mas, acredito que é possível uma educação que contemple a todos. Tenho um olhar diferente à inclusão, eu acredito que para acontecer depende muito do professor, é preciso estar aberto” (Relato 2 – Professora Maria Clara).*

*“Eu precisei fazer muitas mudanças, trabalho diferenciado para que ele avançasse e ele desenvolveu bastante. Nos momentos em trabalhava os conteúdos escolares com a turma, procurava pensar numa forma de não deixá-lo de fora. Antes da aula preparava materiais em alto relevo, para que ele pudesse tocar. Rafael gostava muito de trabalhar com tintas, então, oferecia folhas de papel e tintas para que pudesse de alguma forma se expressar. Depois fiz até uma exposição com as atividades produzidas por ele na sala. Percebi que ele tinha facilidade em aprender músicas, então, comecei a utilizar atividades com músicas e a turma cantava com Rafael. Sempre que possível sentávamos no chão para que Rafael sentisse a presença mais próxima dos colegas e a minha. A rotina da turma mudou e a minha vida também, por isso, eu agradeço a Deus por Rafael fazer parte da minha vida” (Relato 3 - Professora Maria das Graças).*

*”Através do trabalho com os alunos com autismo em sala eu percebi que não existe uma receita pronta de como trabalhar com cada um, a melhor maneira é observá-los e senti-los para descobrir a melhor maneira de desenvolver atividades que atendam as especificidades de cada um. Eles nunca deixaram de participar de nenhuma atividade, dinâmicas ou passeio proposto para turma, eles pertencem à turma por isso, são incluídos em todas as atividades. Nunca*

*mudei os conteúdos, muito menos apliquei atividades diferenciadas todos os dois faziam a mesma tarefa realizada pela turma, as estratégias para ensinar é que eram diferenciadas. Eu simplesmente encontrei novas maneiras para ensinar” (Relato 4 – Professora Marisa).*

*“Ficava aflita porque Marta não acompanhava os conteúdos trabalhados e seu desempenho era bem abaixo do nível da turma, Não tinha controle de suas necessidades [fisiológicas], não pedia para ir ao banheiro. Contudo, sabia que existiam coisas que ela poderia aprender, com o passar do tempo, Marta já conseguia ficar na sala, estava falando algumas palavras” (Relato 5 – Professora Ellen).*

*“Tive a ideia de amarrar uma cordinha no meu braço, levava a aluna ao banheiro e ficava pelo lado de fora, expliquei para ela que se precisasse de mim era só puxar a cordinha que ia imediatamente. Ela testou para ver se eu ia e eu fui. Com essa cordinha amarrada ao meu braço ela estava mais confiante, algum tempo depois quando estava um pouco mais segura, mudamos para que uma colega da turma pudesse acompanhá-la, avançamos sem pressa até consegui que ela fosse sozinha” (Relato 6 – Professora Lorena) .*

*“Ele já se comunica, antes não falava nada, quando chega à sala dá bom dia para todos. É muito gratificante vê-lo participando das culminâncias dos projetos escolares, mais tranquilo, à vontade na turma, é um Aylton novo menino! É impressionante o avanços, ele decora textos, grafa o nome, decodifica as letras do alfabeto, conta e ama fazer meu papel. É só sair da sala que ele me imita, dá ordens aos colegas, pede silêncio, pede para sentar” (Relato 7 – Professora Natália).*

*“Nesses casos é importante o empenho da família para ajudar o filho, mas eu percebia que a mãe não cuidava do filho como deveria, a criança recebe benefício do governo e ela não tem interesse nem para comprar óculos adequados para melhor conforto do filho que tem baixa visão. Para que Alisson parasse de fazer as necessidades na roupa tive que fazer um combinado, dizendo que era importante usar o banheiro. Pedi para que quando sentisse vontade levantasse e saísse da sala e eu sem falar nada com a turma o*

*seguiria até o banheiro para auxiliá-lo. Essa estratégia funcionou bem” (Relato 8 – Professora Karine)*

*“[...] aceitei o desafio, apesar de ainda não saber nada de braille e ter consciência de que eu deveria fazer com que ele participasse de todas as atividades (processo de inclusão) e ao mesmo tempo ter planejamento flexibilizado, pois algumas atividades para ele teriam que ter um outro desafio e outra proposta. De início, realizei pesquisas na internet sobre como trabalhar as atividades da rotina com uma criança com deficiência visual, não encontrei com relação à alfabetização o que me deixou mais apreensiva. Tamanha era minha insegurança e ansiedade para que começasse as aulas para o encontro com Miqueias, pensando como seria a experiência, e se eu iria conquistá-lo” (Relato 9 – Professora Regiane).*

### **Análise Geral dos Relatos**

Os relatos apresentados nos impulsionam a refletir sobre a prática docente, sobre a mediação, a formação, o desenvolvimento humano e outros aspectos apresentados nas práticas e saberes relatados pelas professoras. A prática docente ganhou destaque por considerarmos ser o principal caminho à efetivação da inclusão escolar. Outro aspecto que privilegiamos foi a mediação considerada fundamental no processo de escolarização. Os relatos nos fazem pensar e refletir no quanto os saberes e as práticas favorecem o processo de inclusão dos alunos com deficiência por meio da mediação, da interação com o outro.

Cada uma das nove (9) professoras participantes da pesquisa desenvolveu sua prática firmada na crença de que todos são capazes de aprender. As docentes apresentaram possibilidades para que os alunos pudessem aprender e desenvolver. As reflexões dos relatos nos aproximam da matriz teórica vigotskiana, por esse motivo, recorreremos durante nossa escrita à perspectiva histórico cultural, para indicar que as práticas desenvolvidas pelas docentes favoreceram o desenvolvimento dos alunos. Por isso, parece-nos pertinente utilizar os estudos feitos por Vigotski e nos beneficiar de suas consistentes contribuições para educação especial, na perspectiva da educação inclusiva.

Goés (2008, p. 38), discorrendo sobre o pensamento de Vigotski indica-nos que “O postulado de Vygotski sustenta que o sujeito é na vida social, e que, portanto, suas possibilidades de desenvolvimento estão nele e noutros membros da cultura em que vive” Nessa ótica, compreendemos que a mediação feita pelas professoras, foi fundamental para as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos.

As práticas e saberes relatados pelo grupo de professoras participantes refletem o respeito à diferença, à singularidade, à subjetividade e o reconhecimento às necessidades dos alunos e, sobretudo, nos convida a percepção do homem como ser social.

Nesse sentido, entendemos que a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno dependerá essencialmente da mediação feita pelo professor. Ou seja, se o docente realizar uma mediação intencional, impulsionando a aprendizagem, o aluno terá êxito. Recorremos a outra afirmação feita por Gonçalves (2008a, p.91): “[..] entendemos que o papel e a atividade do educador se tornam fundamentais, uma vez que, dependendo do sentido que atribui ao seu trabalho educativo, poderá favorecer ou postergar a aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos”.

Cada relato nos mostra que “É preciso olhar para além do corpo, além da doença, além da diferença, para além da deficiência” (PADILHA, 2007, p. 3). Com um olhar prospectivo, as docentes foram capazes de uma nova percepção do outro, não enxergaram um sujeito com limitações, mas um sujeito dotado de possibilidades, com plenas condições para aprender.

## **REFLEXÕES FINAIS**

O objetivo principal deste estudo foi analisar como as práticas e saberes docentes auxiliam no processo de escolarização do aluno com deficiência, por meio de relatos de professores. Com propósito identificar a mediação do professor no processo de inclusão escolar.

Assumimos como referência central deste estudo reflexões fundamentadas na teoria Histórico Cultural, por afirmar que a condição cultural sobrepõe a

condição biológica, dando ao homem condições para que possa aprender e desenvolver-se. Nesse sentido, entendemos que o ensino também é um processo cultural, pois, acontece por meio das relações sociais, da mediação do outro e com o outro.

Dessa forma um dos aspectos importantes que trabalhamos nesta pesquisa foi a reflexão concernente às contribuições de Vigotski e a relevância de seu pensamento para educação inclusiva. O conjunto dos relatos das práticas e saberes docentes apresentado neste estudo possibilitou-nos ver a pessoa com deficiência com outro olhar, como é indicado na perspectiva histórico cultural. Ao contrário dos estudiosos e pesquisadores focados no aspecto biológico, Vigotski enxergou o homem como ser cultural e acreditou que as pessoas com deficiência têm condições de aprender.

Os relatos das professoras **Carla, Maria Clara, Maria das Graças, Marisa, Ellen, Lorena, Natália, Karine e Regiane**, foram importantes para refletirmos sobre o professor como principal mediador da aprendizagem. Ressaltamos que as práticas desenvolvidas pelas professoras aconteceram a partir de suas experiências, no saber fazer docente. As docentes relataram que foram desenvolvendo na prática, tateando, experimentando para descobrir a melhor maneira para que o aluno aprendesse. Embora não conhecessem ou usassem fundamentação teórica, as docentes conseguiram realizar um trabalho inclusivo, que possibilitou a aprendizagem dos alunos com deficiência.

## **REFERÊNCIAS**

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAYER, Hugo Otto. **Inclusão e Avaliação na Escola: alunos com necessidades educacionais especiais**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

CAETANO, A. M. **A formação inicial de professores na perspectiva da inclusão escolar de alunos com deficiência:** o curso de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

CARNEIRO, M. S. C. A deficiência mental como produção social: de Itard à abordagem histórico-cultural. In: BAPTISTA, C. R. (Org.). **Inclusão e escolarização:** múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GÓES, M. C. R. As contribuições da abordagem histórico-cultural para a pesquisa em educação especial. . In: BAPTISTA, C. R.; CAIADO, K. R. M. ; JESUS, D. M. (Org.). **Educação Especial:** diálogo e pluralidade. Porto Alegre: Mediação, 2008. p. 37 - 57.

GÓES, M. C. R.; LAPLANE, A. L. F. (Org.). **Políticas e Práticas de Educação Inclusiva.** 4.ed.rev. São Paulo: Autores Associados, 2013.

GONÇALVES, A. F. S. **As políticas públicas e a formação continuada de professores na implementação da inclusão escolar no município de Cariacica.** Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008a.

GONÇALVES, A. F. S. **Inclusão escolar, mediação, aprendizagem e desenvolvimento na perspectiva histórico-cultural.** Vitória: G M Gráfica e Editora, 2008b.

JESUS, D. M. Inclusão escolar, formação continuada e pesquisa-ação. In: BAPTISTA, Claudio Roberto. (Org.). **Inclusão e escolarização:** múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 95 -106.

MELLO, S.A. Cultura mediação e atividade. In: MENDONÇA, S. G.L.; MILLER, S.; SILVA, V. P. (Org.). **Max, Gramsci e Vigotski: aproximações**. Araraquara : Junqueira e Marin, 2012. p. 365 -376.

OLIVEIRA, C. L. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Travessias, Paraná*, v.2, n.3, 2008. Disponível em:< <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/issue/view/692>>. Acesso em 01 maio 2015.

OLIVEIRA, M. K. **Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

PADILHA, A. M. L. **Práticas Pedagógicas na Educação Especial: a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental**. 4. ed. São Paulo: Autores Associados, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Problemas fundamentales de la defectología**. Madri: Visor, 1993. (Obras Completas, tomo V). 140